

MARSHALL MCLUHAN

OS MEIOS DE
COMUNICAÇÃO
COMO EXTENSÕES DO HOMEM

Tradução de
Décio PIGNATARI



EDITORA CULTRIX
São Paulo

O TELEFONE

METAIS SONOROS OU SÍMBOLO TLINTANTE?

O *Evening Telegram*, de Nova Iorque, informava aos seus leitores em 1904: "Phony (fajuto) implica em que uma coisa assim considerada não tem mais substância do que uma conversa de telefone com um amigo hipotético." O folclore do telefone na canção e no anedotário popular ficou enriquecido com as memórias de Jack Paar; escreve ele que sua ojeriza em relação ao telefone começou com o telegrama cantado. Conta ainda como recebeu um telefonema de uma mulher que declarava sentir-se tão sozinha que passara a tomar três banhos por dia na esperança de que o telefone tocasse.

Em *Finnegans Wake*, James Joyce dá à manchete: TELEVISÃO MATA TELEFONE EM RIXA DE IRMÃOS, apresentando um tema fundamental na batalha da extensão tecnológica dos sentidos — batalha essa que há mais de uma década vem sendo travada em nossa cultura. Com o telefone, temos a extensão do ouvido e da voz, uma espécie de percepção extra-sensória. Com a televisão, vem a extensão do sentido do tato ou da inter-relação dos sentidos, que envolve mais intimamente ainda todo o nosso mundo sensorial.

A criança e o jovem compreendem o telefone, envolvendo o fio e o aparelho como se fossem animais de estimação. O que chamamos de "telefone francês", a união do emissor e do receptor numa só peça, é uma indicação

significativa da ligação dos sentidos pelos franceses — sentidos que os povos de fala inglesa tendem a manter firmemente separados. O francês é a "língua do amor" porque ela une a voz e o ouvido de uma maneira íntima especial, ao modo do telefone. É por isso que é natural beijar pelo telefone — mas não é fácil visualizar enquanto se telefona.

Uma das conseqüências sociais mais inesperadas do telefone tem sido a gradual eliminação das zonas de meretrício e a criação da *call-girl*. Para o cego todas as coisas são inesperadas. A forma e o caráter do telefone, como de toda tecnologia elétrica, se manifesta integralmente neste desenvolvimento espetacular. A prostituta era uma especialista, a *call-girl* não é. Uma "casa" não era um lar; mas a *call-girl* não apenas vive no lar, como pode ser até dona de casa. Mas não é todo mundo, longe disso, que compreende o poder do telefone em descentralizar todas as operações e acabar com a guerra de posições... e com a prostituição localizada.

No caso da *call-girl*, o telefone é a máquina de escrever que funde as funções da composição e da publicação. A *call-girl* dispensa o cafetão e a cafetina. Tem de ser uma pessoa desembaraçada, sociável e de conversação variada. Pois dela se espera que esteja à altura de qualquer companhia, numa base de igualdade social. Se a máquina de escrever separou a mulher de seu lar, transformando-a numa especialista de escritório, o telefone a trouxe de volta ao mundo dos executivos, como um fator geral de harmonia. um convite à felicidade e uma combinação de confessorial e muro de lamentações para o imaturo executivo americano.

Com dureza e crueldade tecnológicas, a máquina de escrever e o telefone, gêmeos bem pouco parecidos, levaram a efeito o condicionamento da garota americana.

Como todos os meios são fragmentos de nós mesmos projetados no domínio público, a ação que qualquer meio exerce sobre nós tende a aglutinar os demais sentidos numa nova relação. Quando lemos, imaginamos uma trilha sonora para a palavra impressa; quando ouvimos rádio, ima-

ginamos um acompanhamento visual. Por que não conseguimos visualizar ao telefone? O leitor logo protestará: "Mas eu visualizo enquanto telefono!" Basta que ele tenha a oportunidade de experimentá-lo deliberadamente, e verá que simplesmente não conseguirá visualizar enquanto telefona, embora todas as pessoas letradas o tenham — acrescentando, com isso, que o estão conseguindo. Mas não é isto o que mais irrita o homem ocidental, letrado visual, no que respeita ao telefone. Algumas pessoas não conseguem evitar o mau humor quando conversam ao telefone com seus melhores amigos. O telefone exige uma participação completa, diferentemente da escrita e da página impressa. O homem letrado se ressent de uma pesada exigência de atenção total, pois há muito que está habituado apenas à atenção fragmentária. Igualmente, o homem letrado só aprende a falar outra língua com grande dificuldade, pois o aprendizado de uma língua exige a participação de *todos* os sentidos simultaneamente. De outro lado, o hábito de visualizar faz com que o homem ocidental se sinta desamparado no mundo não-visual da física avançada. Só os teutônicos e eslavos, viscerais e audiotáteis, possuem a necessária imunização à visualização que lhes permite trabalhar com a matemática não-euclidiana e a física quântica. Se ensinássemos Matemática e Física por telefone, então até um ocidental altamente letrado e abstrato poderia eventualmente competir com os físicos europeus. Isto não interessa ao departamento de pesquisas da Bell Telephone, pois, como todos os grupos que se orientam pelos livros, eles também não se dão conta do telefone enquanto *forma*, e estudam apenas o seu aspecto contedutístico. Como já foi mencionado, a hipótese de Shannon e Weaver sobre a Teoria da Informação, assim como a Teoria do Jogo, de Morgenstern, aprofundaram em banalidades estereis — enquanto as mudanças psíquicas e sociais que resultaram dessas formas foram alterando o total de nossas vidas.

Muita gente sente um forte impulso de rabiscar, enquanto está telefonando. Este fato se relaciona muito à característica desse meio, a saber, que ele exige a participação de nossos sentidos e faculdades. Diferentemente de

rádio, ele não pode ser usado como pano de fundo. Como o telefone propicia uma imagem auditiva bastante pobre, nós a reforçamos e completamos mediante o uso dos demais sentidos. Quando a imagem auditiva é de alta definição, como acontece com o rádio, visualizamos a experiência ou completamos com o sentido da visão. Quando a imagem visual é de alta definição ou intensidade, nós a completamos com o som. É o que explica a profunda perturbação artística que ocorreu quando se acrescentou a trilha sonora ao filme. A perturbação foi quase igual à produzida pelo próprio cinema. Isto porque o cinema é um rival do livro; sua trilha visual de descrição e formulação narrativa é mais rica do que a palavra escrita.

Tornou-se popular, na década de 20, a canção, *All Alone by the Telephone*, *All Alone Feeling Blue* ("Sozinho(a) ao Telefone, Sozinho(a) e Triste"). Por que criaria o telefone um tal intenso sentimento de solidão? Por que sentimos o impulso de atender ao tintinar de um telefone público, quando sabemos que a chamada não pode ser para nós? Por que um toque de telefone num palco cria uma tensão imediata? Por que essa tensão é bem menor para um telefone que não se atende, numa cena cinematográfica? A resposta para todas essas questões é: o telefone é uma forma participante que exige um parceiro, com toda a intensidade da polaridade elétrica. Simplesmente não funciona como instrumento de fundo — coisa que acontece com o rádio.

Um dos trotes-padrão das cidadezinhas, nos primeiros tempos do telefone, chamava a atenção para o telefone como forma de participação communal. Nenhuma fofoca de comadres vizinhas poderia rivalizar com a calorosa participação propiciada pela linha telefônica coletiva. O trote em questão assumia a seguinte forma: ligava-se para diversas pessoas, com voz disfarçada, informando que o departamento de engenharia iria proceder à limpeza das linhas telefônicas, e dizendo: "Recomendamos que você cubra o seu aparelho com um lençol ou fronha, para evitar que a sujeira e a graxa espirrem pela sala." Em seguida, o gozador percorria as casas dos amigos aos quais havia tele-

fonado e ficava apreciando os preparativos, na expectativa do zunido e do estrondo que certamente ocorreriam quando as linhas fossem sopradas do outro lado. Hoje, a brincadeira serve para recordar-nos de que, não há muito tempo, o telefone não passava de uma engenhoca, mais utilizada para diversão do que para negócios.

A invenção do telefone foi um incidente no esforço maior que se efetuou no século passado no sentido de tornar a fala visível. Melville Bell, o pai de Alexander Graham Bell, passou a vida toda elaborando um alfabeto universal, que fez publicar em 1867, com o título de *A Fala Visível*. Além do escopo de tornar todas as línguas imediatamente acessíveis sob uma forma visual única, os Bells, pai e filho, estavam empenhados em aliviar a situação dos surdos. A fala visível parecia a promessa de uma imediata libertação da prisão da surdez. A luta para aperfeiçoar a fala visível para os surdos levou os Bells a estudarem os novos dispositivos elétricos que deram nascimento ao telefone. Da mesma maneira, o sistema Braille de pontos em substituição às letras tivera início como um método de leitura de mensagens militares no escuro, depois utilizado na música e, finalmente, na leitura pelos cegos. Antes que o Código Morse tivesse sido elaborado para uso telegráfico, as letras já tinham sido codificadas em pontos para os dedos. E é importante notar como, desde o início da electricidade, e da mesma maneira, a tecnologia elétrica convergiu para o mundo da fala e da linguagem. A primeira grande extensão de nossos sistema nervoso central — os meios de massa da palavra falada — veio a casar-se com a segunda grande extensão do sistema nervoso central — a tecnologia elétrica.

O *Daily Graphic*, de Nova Iorque, datado de 15-3-1877, trazia na primeira página: *Os Terrores do Telefone* — *O Orador do Futuro*. Em clichê, um desgrenhado mistagogo à la Svengali perorando num estúdio junto a um microfone. O mesmo microfone é mostrado em Londres, São Francisco, nas pradarias e em Dublin. É curioso que o jornal desse tempo encarasse o telefone como um rival da imprensa, como um sistema de agentes de imprensa — como o rádio

haveria de ser, de fato, meio século mais tarde. Mas o telefone, íntimo e pessoal, é um dos meios que mais se afastam da forma das agências noticiosas. Assim, a interceptação de mensagens telegráficas parece mais odiosa do que ler cartas alheias.

A palavra "telefone" surgiu em 1840, antes do nascimento de Alexander Graham Bell. Era aplicada a um dispositivo destinado a transmitir notas musicais através de bastões de madeira. Na década de 70, muitos inventores estavam tentando descobrir processos de transmissão elétrica da fala e o American Patent Office recebeu, no mesmo dia, dois projetos de telefone, um de Elisha Gray e outro de Graham Bell — mas este com a vantagem de uma ou duas horas. Esta coincidência beneficiou enormemente a profissão de advogado. Graham Bell ganhou fama — e seus rivais se transformaram em notas ao pé da página. O telefone se destinava a oferecer serviços ao público em 1877, paralelamente à telegrafia. O grupo telefônico era insignificante em comparação com os vastos interesses do telegrafo, e a Western Union logo se movimentou para estabelecer controle sobre os serviços telefônicos.

Uma das ironias do homem ocidental é que ele nunca se preocupa com a possibilidade de uma nova invenção se constituir em ameaça à sua vida. E assim tem sido do alfabeto ao automóvel. O homem ocidental tem sido continuamente remodelado por uma lenta explosão tecnológica que se estende por mais de 2500 anos. A partir do telegrafo, no entanto, começa a viver uma implosão. Com desocupação nietszschiana, começa a rodar o filme de sua explosão de 2500 anos da frente para trás, embora ainda desfrute dos resultados da extrema fragmentação dos componentes originais de sua vida tribal. É graças a esta fragmentação que ele se permite ignorar as relações de causa e efeito entre a tecnologia e a cultura. No mundo dos Grandes Negócios, a coisa é bem diferente. Ali, o homem tribal está de atalalaia para qualquer sinal de mudança. Eis por que William H. Whyte pôde escrever *O Homem da Organização* como um romance de terror. Comer gente é errado. Mesmo enxertar gente na úlcera de uma grande em-

presa parece errado a quem quer que tenha sido criado segundo a liberdade fragmentada, visual e letrada. "Custumo chamá-los à noite, quando estão desprevenidos", disse um diretor de alto escalão.

Na década de 20, o telefone produziu muitos diálogos humorísticos, que eram vendidos em discos. Mas o rádio e o cinema sonoro não tiveram piedade para com o monólogo, mesmo quando o artista era W. C. Fields ou Will Rogers. Estes meios quentes puseram de lado as formas mais frias, que agora retornam em larga escala com a televisão. A nova safra de humoristas de clubes noturnos (Newhart, Nichols e May) tem um sabor dos primeiros tempos do telefone que os torna realmente bem-vindos. Se a música e o diálogo voltaram, devemos agradecer à TV, com seu apelo de alta participação. Os nossos Mort Sahl, Shelley Bermans e Jack Paars são quase uma variedade do "jornal vivo", tal como o elaborado para as massas revolucionárias chinesas por equipes teatrais, nos anos 30 e 40. As peças de Brecht têm a mesma qualidade participacional do mundo das estórias em quadradinhos e do mosaico do jornal que a TV tornou aceitável como *pop art*.

O bocal do telefone resultou diretamente da longa tentativa, iniciada no século XVII, de imitar a fisiologia humana por meios mecânicos. É, pois, da natureza do telefone elétrico possuir uma tal concordância natural com o orgânico. Foi por conselho de um médico de Boston, o Dr. C. J. Blake, que o receptor do fone foi diretamente modelado sobre a estrutura do osso e do diafragma do ouvido do homem. Graham Bell acompanhou com a maior atenção o trabalho do grande Helmholtz, cujas pesquisas cobriram muitos campos. E por acreditar que Helmholtz conseguira transmitir vogais pelo telégrafo é que ele perseverou em seus esforços. Constatou-se depois que essa impressão otimista não derivava senão de seu mau conhecimento da língua alemã: Helmholtz fracassara em suas tentativas de obter efeitos vocais pelo fio. Graham Bell raciocinou: Se as vogais podem ser enviadas, por que não as consoantes? "Pensei que o próprio Helmholtz já houvesse conseguido isso, e que o meu fracasso somente era

devido à minha ignorância em matéria de electricidade. Foi um engano bem valioso, deu-me confiança. Se eu soubesse ler alemão naquele tempo, nunca teria dado início às minhas experiências!"

Uma das mais notáveis conseqüências do telefone foi a introdução de uma "trama inconsútil", feita de padrões entrelaçados, na administração e nos centros de decisão. A estrutura piramidal da divisão e caracterização do trabalho e dos poderes delegados não pode manter-se ante a velocidade com que o telefone contorna as disposições hierárquicas e envolve as pessoas em profundidade. Do mesmo modo, as divisões blindadas equipadas com rádio-telefones abalaram as estruturas tradicionais do exército. E já observamos como o repórter, ligando a página impressa ao telefone e ao telégrafo, uniu os fragmentados departamentos governamentais numa imagem corporada.

Hoje um jovem executivo de empresa pode chamar pelo primeiro nome seus superiores, nas mais diferentes partes do país. "O jeito é começar a telefonar. Qualquer um pode entrar no escritório do diretor por telefone. Às dez horas do dia em que ingressei no escritório de Nova Iorque eu já estava chamando todo mundo pelo primeiro nome."

O telefone é um "entrão" irresistível em qualquer tempo e lugar; os diretores executivos só conseguem imunidade em relação a ele quando estão jantando à cabeça da mesa. Por sua natureza, o telefone é uma forma intensamente pessoal que ignora todos os reclamos da intimidade visual tão prezada pelo homem letrado. Recentemente, uma firma de títulos e valores aboliu todas as salas particulares para seus executivos, dispondo-os em torno de uma espécie de mesa de seminário. Sentiam que as decisões imediatas que deviam ser tomadas com base no fluxo contínuo do teletipo e de outros meios elétricos somente podiam contar com uma rápida aprovação do grupo se o espaço particular fosse abolido. Quando de prontidão, até o pessoal da aviação militar que permanece em terra não se perde de vista em nenhum momento. É um fator meramente temporal. Mais importante é a necessidade de envolvimento total no

papel de cada um, envolvimento este provocado pela estrutura instantânea. Os dois pilotos de um caça a jato canadense são escolhidos com o mesmo cuidado empregado numa empresa de casamentos. Depois de muitos testes e uma prolongada convivência, o comandante oficial os *casa* oficialmente, "até que a morte os separe". Exclua-se a malícia no caso. Trata-se da mesma espécie de integração total num papel e que provoca arrepios em todo homem letrado quando se defronta com as exigências implícitas da trama inconstitível da tomada elétrica de decisões. A liberdade no mundo ocidental sempre tomou a forma do explosivo e do dividido, patrocinando a separação entre o indivíduo e o estado. Assim como a grande explosão ocidental se deveu antes de mais nada, à alfabetização fonética, a reversão do movimento unidirecional do centro para a margem se deve à electricidade.

Se a autoridade delegada da cadeia de comando não funciona por telefone, mas apenas mediante instruções escritas, que espécie de autoridade é a que vem a furo? A resposta é simples, mas não é fácil de transmitir. Ao telefone só funciona a autoridade do conhecimento. A autoridade delegada é visual, linear, hierárquica. A autoridade do conhecimento é não-linear, não-visual e inclusiva. Para agir, a pessoa delegada deve sempre obter "via livre" da cadeia de comando. A situação elétrica elimina esses padrões. Essas "checagens" e cálculos são estranhos à autoridade inclusiva do conhecimento. Em consequência, restrições ao poder elétrico absolutista só podem ser impostas por um pluralismo de centros e não pela separação de poderes. Este problema foi levantado a propósito da linha direta entre o Kremlin e a Casa Branca. Numa demonstração de sua natural inclinação ocidental, o Presidente Kennedy manifestou sua preferência pelo teletipo em relação ao telefone.

A separação de poderes foi uma técnica destinada a restringir a ação numa estrutura centralista, ação que se irrita para as margens — pelo menos até onde podemos conceber o espaço e o tempo deste planeta. Logo, só pode haver diálogo entre centros iguais. As pirâmides das ca-

deias de comando não podem contar com o apoio da tecnologia elétrica. O *papel* a desempenhar tende a voltar ao primeiro plano, com os meios elétricos, em lugar do poder delegado. Uma pessoa pode revestir-se de novo de todas as espécies de personagens. O rei e o imperador estavam legalmente autorizados a agir como o ego coletivo de todos os egos particulares de seus súditos. Até o momento, o homem ocidental vai restaurando o seu *papel* aos tateios — e ainda consegue manter indivíduos em *tarifas* ou *empregos* delegados. No culto das estrelas e astros de cinema, permitimo-nos, meio sonambulicamente, abandonar nossas tradições ocidentais, conferindo a essas imagens sem emprego um papel místico. Elas são corporificações coletivas das multifárias vidas particulares de seus súditos.

Um exemplo extraordinário do poder que o telefone tem de envolver a pessoa inteira é o relatado pelos psiquiatras: as crianças neuróticas não apresentam sintomas neuróticos quando telefonam. *The New York Times*, de 7-9-1949, traz um tópico que fornece um bizarro testemunho do "frio" caráter participacional do telefone:

A 6 de setembro de 1949, um psicótico veterano de guerra, Howard B. Urruh, numa correria louca pelas ruas de Camden, Nova Jérsei, matou treze pessoas e depois voltou para casa. Equipes de emergência, armadas de metralhadoras, pistolas e bombas de gás lacrimogêneo, abriram fogo. A certa altura, o editor do *Camden Evening Courier* procurou o nome de Urruh na lista telefônica e ligou para ele. Urruh parou de atrair e respondeu:

- Alô,
- É Howard?
- Sim...
- Por que você está matando gente?
- Não sei. Ainda não posso responder. Falo com você mais tarde. Agora estou muito ocupado.

Art Seidenbaum, num recente artigo publicado no *Los Angeles Times* e intitulado, *Dialética dos Números que Não Constam da Lista Telefônica*, conta o seguinte:

Há muito tempo que as celebridades se estão escondendo. Paradoxalmente, à medida que seus nomes e imagens incham em telas

cada vez mais largas, elas mais se empenham em ser inabordáveis, pessoalmente ou por telefone... Muito nome famoso jamais atende quando se liga para o seu número; alguém anota os chamados e só entrega as mensagens acumuladas quando solicitado... "Não me chame" podia ser o verdadeiro código da área da Califórnia do Sul

All Alone by the Telephone completou o círculo. Não tardará muito e o próprio telefone estará *all alone, and feeling blue*.

28

O FONÓGRAFO

O BRINQUEDO QUE ESVAZIOU A CAIXA
(TORÁCICA) NACIONAL

O fonógrafo, que deve a sua origem ao telégrafo e ao telefone elétricos, não tornou manifestas sua forma e sua função basicamente elétricas enquanto o gravador de fita não o liberou de seus acessórios mecânicos. O mundo do som é, essencialmente, um campo unificado de relações imediatas, o que o torna semelhante ao mundo das ondas eletromagnéticas. Foi isto que aproximou o fonógrafo e o rádio.

Com que suspeição o fonógrafo foi a princípio recebido, mostra-o a observação do compositor e chefe de banda John Philip Sousa, ao comentar: "Com o fonógrafo, os exercícios vocais ficarão fora de modal. E o que vai acontecer com a garganta nacional? Não ficará mais fraca? E o peito nacional? Não vai esvaziar?"

Uma coisa Sousa percebeu: o fonógrafo é uma extensão e uma amplificação da voz, que pode muito bem ter diminuído a atividade vocal individual, assim como o carro reduz a atividade pedestre.

Como o rádio, cuja programação ele ainda alimenta, o fonógrafo é um meio quente. Sem ele, o século XX do tango, do *ragtime* e do *jazz* teria tido um ritmo diferente. Mas o fonógrafo foi envolvido em muitas concepções falsas, como indica um de seus primeiros nomes — gramofone.